

desencarnada anos antes, atingiu-lhe o coração.

Primeiro Isabel induziu a nora, a rainha D. Beatriz, a fazer a paz entre pai e filho, nas bases da abnegação e da humildade.

E somente quando viu Pedro render-se ao amor materno, em Marco de Canavezes, sob a proteção e inspiração da grande Isabel, é que Inês, consciente de sua própria desencarnação, caiu também vencida pela humildade de Isabel, concordando em retirar-se da presença de D. Pedro — para que ele seguisse em seus novos empreendimentos — acolhendo-se nos braços maternos da rainha santa, saindo da paisagem portuguesa, orando e soluçando.

Castro

A TRISTE REALIDADE

Retornemos aos fatos recentes.

D. Pedro tranqüilamente caçava nas bandas de Penacova, arredores de Coimbra, distante cerca de vinte quilômetros do Paço de Santa Clara.

Na tarde de sete de janeiro, o príncipe servia-se da caça com os convidados, quando se ouviu ruidoso tropel.

Um prestimoso cavaleiro recém-chegado, talvez a pedido de Ana, em desespero insistiu em falar-lhe, a despeito dos amigos buscarem afastar do infante o exausto desconhecido.

Suado, agitado, o homem tanto implorou que o levaram a D. Pedro.

— O que queres? — perguntou o príncipe, impaciente.

— Senhor, desculpai-me, mas tenho algo muito grave a falar-vos.

— Dizei então!

— A Senhora D. Inês foi presa por emissários do rei, que a arrancaram ao leito com muita violência. Parece que querem matá-la...

— Como? O que quereis dizer-me?

O bom homem saíra tão apressado de Coimbra que ainda ignorava o trágico desfecho.

— Talvez haja tempo de Vossa Alteza salvá-la...

E não conseguiu falar mais nada, pois o príncipe o deixara, em direção à montaria, dando ordens desencontradas aos seus imediatos.

Semblante contraído, arremessa-se sobre o cavalo qual bloco de pedra pressionando o lombo do pobre animal. Segura as rédeas com as mãos firmes e cavalga célere rumo de Coimbra.

Um turbilhão de lembranças conturba sua mente, e o olhar fixo persegue um ponto ainda distante em que busca alcançar a companheira querida e os filhos.

As recordações que mais o atormentam são as preocupações que Inês demonstrara na noite anterior — às quais não dera crédito — e as recentes admoestações maternas:

— Cuidado, meu filho, as coisas não vão bem, tua companheira corre risco...

— Por que não dei ouvidos às advertências de minha mãe? — verbera, escandindo as palavras, como se desejasse que todo o mundo ouvisse seu arrependimento.

Também as ponderações do amigo Álvaro Pereira, na última vez em que se encontraram, insistiam em acompanhá-lo naqueles momentos:

— Pedro, fica atento às decisões que a Corte pode tomar. O rei anda muito preocupado: tuas ligações com Inês o assustam...

Já consumada a decapitação de Inês, eis que vemos Pedro — ainda desconhecendo a extensão do ocorrido — retornar a Coimbra sem os troféus da desafortunada caçada.

Envolvido pela avalanche de idéias que não consegue sufocar e extenuado pela longa cavalgada, adentra o palácio real nas primeiras horas da noite.

Aguarda o infante o corpo já frio de Inês, ataviado pela irmã do Convento de Santa Clara — a mesma religiosa que se tornaria

amiga inseparável da desafortunada jovem nos séculos vindouros.

O desespero incontido o faz gritar por Inês, enquanto percorre as dependências do palácio, caminhando a passos vacilantes.

Ao adentrar sua alcova, encontra Ana, a fiel aia de Inês, com os cabelos grisalhos desbaratados e a alma cortada pela dor, e, junto dela, as crianças: Beatriz, a mais nova, no colo, e, agarrados à gentil senhora, João e Dinis — os três muito pequenos ainda para compreenderem o ocorrido.

Ana, que tudo fizera para dissuadir Pero Coelho de executar a cruel sentença, quedava-se com os olhos parados a contemplar o futuro rei.

Foi tão comovente o que se passou após Pedro constatar a dimensão da tragédia ocorrida que, a seguir, pela sua aguda sensibilidade, vamos reproduzir, *ipsis litteris*, o difícil diálogo entre Pedro e Ana, segundo Mário Domingues:

— É verdade? — interrogou ele, num grito de desespero.

Ana limitou-se a confirmar, com um movimento vagaroso e triste da cabeça encanecida.

Lançou-se, então, pelos corredores, cujas abóbadas ressoavam em medonhos ecos, a urrar como fera mal ferida:

— Vingança!... Vingança!...

E de chofre caiu no lajedo, a contorcer-se horivelmente, olhos alucinados, mãos crispadas, dentes cerrados e lábios brancos de espuma. A febre apossara-se dele. Durante muitos dias, perdera a noção das coisas deste Mundo. Quando despertou, só uma idéia lhe enchia a mente: vingar-se.

Nascia um outro D. Pedro, mergulhado na idéia de vingança, o que era tradição e constava das leis consuetudinárias da época com o nome de direito de revindita, herança dos visigodos.

A legislação aceita permitia a vingança em grau muito maior, como compensação da dor sofrida.

Era tão forte, sobretudo na Península Ibérica, essa figura de ódio constante do Direito Consuetudinário da Europa, que se falava a respeito: mais que direito, a vingança era um dever.

Entretanto, apesar de ser um homem da época, obrigatoriamente afeito às regras do comportamento medieval, algo mais profundo começava a agitar-se em seu espírito: a influência da rainha santa, que recolhera Inês no Plano Espiritual e assistia o neto nas trevas em que se encontrava, buscando asserenar-lhes o coração.

Mais adiante, descreveremos a insânia que tomou conta do reino de Portugal, até há pouco vivendo invejável estabilidade sob o comando firme e sereno de Afonso IV, que, porém, provocou, com seu ato violento, o desencadeamento de uma guerra civil com saques, mortes e sofrimento.

Somente a intervenção de Isabel de Aragão, do Plano Espiritual, pôde modificar o quadro.

Trabalhou diuturnamente para que, alguns meses depois, a 5 de agosto de 1355, fossem assinadas, na vizinhança do Porto, as Pazes de Canaveses, ato jurídico que reaproximou pai e filho, salvando Portugal de um conflito de imensas proporções.

AS RAZÕES DE ESTADO PARA A MORTE DE INÊS DE CASTRO

Quais as aparentes razões que levaram D. Afonso IV a intervir na vida afetiva do filho de modo tão violento, desconcertando, de início, até Diogo Lopes Pacheco, conselheiro real e um dos partidários da tese de que Inês deveria ser eliminada?

São efetivamente razões de Estado.

Já sabemos que Pedro não era casado com Inês de Castro. Unira-se a ela depois do falecimento de sua esposa, Constança Manoel.

Em outro capítulo, falaremos mais dessa nobre senhora que afrontou em vida os amores do marido, sem exprobar-lhe o comportamento.

No momento, é importante lembrar que, da união entre Pedro e Constança, nascera Fernando, futuro delfim do trono por ser o primogênito do príncipe herdeiro.

Pois bem, havia a preocupação com o fato de D. Pedro e Inês terem filhos e de o mais